

Mais fé no próprio taco

Pesquisa mostra que 82% dos brasilienses acham que vão melhorar de vida em 1997. Mas apenas 38% acreditam no futuro do país

Marcelo Abreu
Da equipe do Correio

Ele veio de Brejo da Cruz, na Paraíba, para vender chapéu na feira da Ceilândia Centro. Viajou mais de dois mil quilômetros para "ganhar uns trocados na cidade grande". E tem conseguido.

Há um mês em Brasília, Odair José Santos, 19 anos, vende chapéu na feira como pinga em botequim. "No mínimo 20 por dia", comemora.

Na Paraíba, o chapéu custava R\$ 3,50. Aqui, Odair baixou para R\$ 3. "Antes, no tempo do cruzeiro, além de não vender quase nada, ainda passava dificuldade. Hoje, com o real, a vida melhorou e vai melhorar ainda mais", alegra-se.

O otimismo não é só do paraibano Odair José. Jovens, velhos, homens, mulheres — brasilienses de todas as camadas sociais e escolaridade — acham que em 1997 a vida será melhor do que foi neste ano. Pelo menos é o que constatou pesquisa realizada pelo Instituto Soma/Opinião e Mercado entre os dias 10 e 12 de dezembro.

O otimismo tomou conta de 82% das 530 pessoas entrevistadas. Na verdade, a pesquisa — com margem de erro de 4,2% e intervalo de confiança de 95% — teve a intenção de avaliar as expectativas da população em relação ao governo Fernando Henrique Cardoso.

DE OLHO NO FUTURO

As perguntas partiram do aspecto geral — como o brasiliense vê a situação do país, por exemplo, até chegar à situação individual do entrevistado. Ou seja, saber até onde os problemas do país e o Plano Real interferiram na vida de cada pessoa.

Apenas 7%, acham que a vida no ano que vem continuará a mesma coisa. 6% afirmam que tudo ficará como está. Para os próximos anos, 38% disseram que as coisas em relação ao país vão melhorar, 33% apostam que não haverá modificação em nada e 21% são bastante pessimistas: vai piorar.

No final do governo Itamar Franco, em 1994, 68% dos brasilienses acreditavam que a situação do país seria melhor nos próximos anos.

Em relação ao governo Fernando Henrique Cardoso, apenas 6% o apontam como excelente. 31%, acham que está regular. De uma me-

neira geral, porém, a maioria (62%) continua aprovando o governo FHC.

Mas nem tudo são flores. Em relação a novembro, a aprovação caiu dois pontos percentuais, de 64% para 62%. E no item desaprovação subiu de 32% para 36%.

Para a maioria dos entrevistados (46%), o Plano Real está sendo bom para o Brasil. 28% destacam educação e transporte como as áreas que mais melhoraram no governo FHC.

BAIXANDO PREÇOS

Falar de inflação é com ele mesmo. O vendedor de calçados da feira da Ceilândia Gerardo Mesquita, 40 anos, casado, dois filhos, não sente nenhuma saudade do período do cruzeiro. "Todos os dias a mercadoria aumentava", lembra. "E antes o prazo para pagamento era no máximo de 30 dias, agora, até mais de 60", comemora.

Gerardo dá exemplos: "Essa bota que em maio eu vendia por R\$ 32, hoje custa R\$ 30. Esse tênis, de R\$ 19, caiu para R\$ 7,90". Planos para 1997? "Tenho perspectiva de melhorar a barraca, com mais sapatos e tênis, e vender mais."

Apesar do otimismo do feirante, a pesquisa indica que as pessoas estão comprando menos, especialmente neste final de ano: 54% dos entrevistados disseram que vão gastar menos no Natal. Só 25% admitiram que vão estar mais generosos na hora das compras.

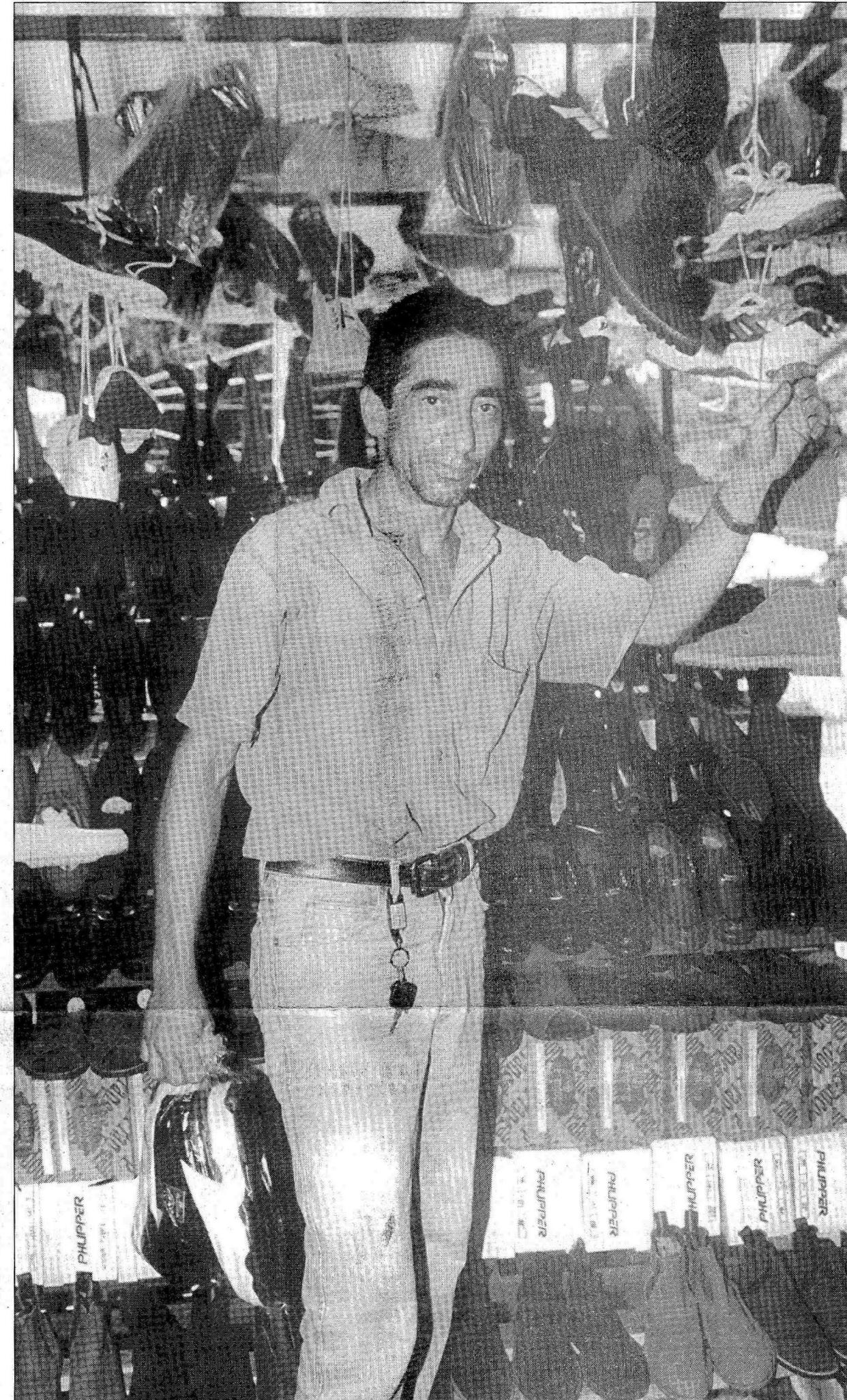
PELADINHA

Sem papas na língua, a viúva aposentada Francisca Marta da Silva, 74 anos, seis filhos, 13 netos e quatro bisnetos, não acredita que o ano de 97 será melhor que este. Tampouco vê melhorias para o país com o Plano Real.

Com uma aposentadoria de R\$ 112, conquistada depois de mais de 40 anos de trabalho na roça plantando arroz e feijão, essa potiguar de Carnaúba afirma que "não há motivos para comemoração". "Cadê o emprego?", pergunta. "Como é que pode estar tudo bem se não tem emprego para o povo", insufla-se.

Em seguida, olha para a árvore de Natal da sala de casa em Taguatinga e dispara: "Todos os anos ela fica cheinha de presentes. De uns anos pra cá, tá peladinha e não tenho nem esperança de colocar alguma lembrancinha aí".

Fotos: Wanderlei Pozzembom



Gerardo Mesquita, que vende calçados na feira da Ceilândia, está otimista: "Vou ampliar o negócio e faturar mais"

CONTRAPONTO



"O real acabou um pouco com a inflação, mas tenho medo de ficar desempregada por muito tempo.

Se aparecer alguma coisa, mesmo que não seja na minha área, vou pegar"

Selma Pinheiro
28 anos, é auxiliar de publicidade.
Perdeu o emprego na semana passada



"Todos os anos minha árvore de Natal ficava cheinha de presentes. De uns anos pra cá, tá peladinha e não tenho nem esperança de colocar alguma lembrancinha nela"

Francisca Marta da Silva
74 anos. Como 6% dos entrevistados, ela não acha que a vida será melhor em 97